

# A PSICOLOGIA DO CANGACEIRO

O BANDITISMO NOS SERTÕES DO NORDESTE BRASILEIRO  
– UM ENSAIO POLÍTICO-SOCIAL  
(EXTRAÍDO DO JORNAL O GLOBO/RJ, DE 1927)



Anônio Corrêa Sobrinho

# APRESENTAÇÃO

O jornal *O GLOBO*, do Rio de Janeiro, em 1927, segundo ano de sua fundação, publicou, em seis capítulos, o artigo A PSICOLOGIA DO CANGACEIRO, subtítulos O BANDISTIMO NOS SERTÕES DO NORDESTE BRASILEIRO – UM ENSAIO POLÍTICO-SOCIAL, assinado por autor de nome fictício, JUSTINIANO DE ALENCAR, texto com o qual compus o presente livro, agora apresentado, por entender, apesar de tratar-se, inclusive, de peça de crítica e propaganda político-partidária, ser documento de considerável valor histórico, porquanto integrante das primeiras traduções e interpretações relacionadas ao cangaço lampiãoico; elaborado sob os efeitos e reflexos do banditismo sistêmico, e por conhecedor da realidade e história nordestinas, de considerável capacidade expressiva e boa retórica.

*O Globo* assim anunciou a sua publicação:

“O cangaceirismo, que nos infesta grandes zonas do sertão, e, por via de regra, se trava com a politicagem, não tem sido até hoje estudado senão superficialmente, da mesma sorte porque o banditismo não tem sido reprimido senão de modo falho, sem consideração ou estudo das origens e do modo de ser daquela gente, a um tempo cruel e altivo, e sempre com todas as surpresas de uma quase inconsciência. É por isto mesmo que não podemos furtar à análise da opinião pública uma série de artigos em que versou tão intrincado assunto um conhecido político e ex-parlamentar do Norte, que se oculta de longa data sob o pseudônimo de Justiniano de Alencar, e vem de escrever especialmente para *O Globo* o referido trabalho ou ensaio, de que hoje oferecemos a primeira parte, dos seis em que ele se divide.”

Dizer que eu, diante de um material jornalístico, bem desenvolvido, formal, discursivo e concludente, sobre o cangaceirismo, como este, não poderia deixar de tirá-lo do esquecimento em que jazia, e trazê-lo para a atualidade, do mundo digital, dos computadores, internet, redes sociais, para apreciação, satisfação e gáudio, especialmente dos cultores e admiradores da história do cangaço.

É um texto pequeno, acessível, A PSICOLOGIA DO CANGACEIRO.

Isto posto, e nada mais havendo a acrescentar, conluo esta simples apresentação, agradecendo ao jornal *O Globo*, pela disponibilização do seu acervo, diário brasileiro que ao longo dos seus 95 anos, completados neste 2020, um dos maiores da imprensa nacional. E ao meu filho Thiago Corrêa, pela diagramação e capa.

Aracaju, novembro de 2020.

Antônio Corrêa Sobrinho

**A PSICOLOGIA DO CANGACEIRO  
O BANDITISMO NOS SERTÕES  
DO NORDESTE BRASILEIRO –  
UM ENSAIO POLÍTICO-SOCIAL**

## CAPÍTULO I

Há bem pouco tempo os jornais cariocas publicaram telegramas do Ceará, nos quais se noticiava a breve captura do célebre "Lampião" e do seu bando, cercados que estavam os bandidos em uma fazenda do interior daquele Estado. Dizia-se mesmo que essa captura seria uma questão de honra, sendo impossível aos bandidos escapar. As horas passaram; passaram dias, e novos telegramas traziam a triste nova de que o audaz bandido furara o cerco, internando-se no matagal. E os jornais do Rio começaram a bordar comentários zombadores em torno do convênio estabelecido entre os chefes de Polícia dos Estados do Nordeste para a perseguição do bando sinistro, chegando algumas folhas a tecer irônicos ditirambos ao herói do crime.

Entretanto, se aqui, no Rio, se conhecesse a geografia física e política do Nordeste brasileiro, far-se-ia, certamente, mais justiça aos abnegados policiais que vivem arriscando a vida, centena de vezes, contra um inimigo quase invisível, protegido pelos acidentes do terreno, que conhece a palmo, protegido pelas caatingas cerradas, onde rasteja como animal bravo, protegido, em suma, pelo apoio que lhe prestam os parentes e políticos sertanejos, de longa data habituados a um regime quase feudal e a se aproveitarem desses infelizes escorraçados da sociedade para suas vanganças particulares.

Raras, raríssimas vezes, os bandidos enfrentam a força pública que os persegue quando surpreendidos nessas horas noturnais formadas pelas arestas das serras onde se acoitam. Em regra, quando surpreendidos nessas lutas temíveis, tiroteiam durante minutos para abater alguns soldados, e, logo que presentem o assalto da tropa para desalojá-los em luta corpo a corpo, fogem, internam-se nas grotas profundas e quase inacessíveis, onde a perseguição é impossível para uma força organizada e desconhecadora do terreno.

A tropa, então, ou volta para os povoados próximos, onde está aquartelada, ou permanece algum tempo pelas redondezas do local da luta, em pesquisas sempre infrutíferas, porque a tática do cangaceiro consiste em sumir-se como que por encanto, não dar o menor sinal de si, manter-se escondido nos matos durante um espaço de tempo calculado para que a calma de restabeleça, e surgir, de repente, dezenas de léguas distantes dos lugares onde permanece a força policial, para atacar uma fazenda isolada, que ele sabe, de antemão, desprotegida de qualquer auxílio.

Jornadeando durante a noite por (...) atalhos, evitando as estradas públicas, oculto durante o dia nas caatingas – o bando sinistro (...) infernais que aparecem e desaparecem com a rapidez do raio, deixando após sua passagem a desolação e o terror. Como, se prevenirem esses (...)? Como se espalharem forças policiais por uma região onde são percorridas,

às vezes, 10, 15 e 20 léguas, sem se encontrar uma casa?

É preciso conhecer-se a gênese do “Cangaceirismo” para se poder avaliar as dificuldades quase insuperáveis que terão de vencer os governos dos Estados nortistas para extingui-lo, quer se considere o desabitado da zona sertaneja, quer a geografia física daquela região, como que projetada para a manutenção dessa calamidade, pela abundância de esconderijos constituídos por um mato baixo, cerrado e coberto de espinhos, e por grotas profundas e quase impenetráveis, ou quer se atente para os hábitos astuciosos do cangaceiro, misto de bravura e covardia, de crueldade e clemência, de rapinagem e caridade, de desonestidade e honradez, de fidelidade e perfídia, por mais que isto pareça paradoxal.

O Dr. Raul Azedo, médico insigne em Recife, é uma das inteligências mais cultas do Brasil, conhecedor de grande parte dos sertões de Pernambuco e Alagoas, tem publicado no *Diário da Manhã*, de Recife, uma série de artigos interessantíssimos sobre o cangaceirismo, dos quais se evidencia o enorme esforço que precisarão desenvolver os governos nortistas para vencer esse flagelo dos sertões.

“O problema do cangaceirismo nordestino – diz ele – é um dos mais complexos sobre que se pode exercer a análise do sociólogo. Emaranham-se na sua gênese fatores remotos e atuais, de ordem étnica e física uns, de ordem social e política outros.

A conquista do interior brasileiro se faz à custa de luta sangrenta e prolongada, em que ao trabuco e à espada do invasor respondiam galhardamente a flecha e o tacape do aborígene.

Não admira, pois, que para tais gentes, a bravura, a força física, a agilidade, a destreza no manejo das armas, constituíssem as virtudes e os predicados mais nobilitantes e invejáveis do ser humano.”.

Três raças, bem diversas, concorreram para formar o tipo de sertanejo do nordeste brasileiro: – a dos índios, em luta constante contra os invasores do seu território, que o caçavam como bestas-feras matando-os ou repelindo-os para o centros portugueses, aventureiros, habituados no morticínio nos combates, que invadiram o interior do Norte, uns sequiosos de ouro, que julgavam encontrar com facilidade, outros para se apossarem de terras doadas pelo governo da metrópole e que ali queriam estabelecer à força seus domínios, mantendo os primitivos donos, sem misericórdia, desde que (como diz Raul Azedo) “estavam convencidos de se acharem em presença de seres fora da humanidade, relativamente aos quais seriam descabidas a compaixão ou a observância de quaisquer sentimentos afetivos”; e, por fim, a dos negros africanos, escravizados e arrastados para aquelas terras, a serviço desses senhores desumanos.

Assim, ora em luta permanente com os selvagens, ora suspendendo temporariamente as hostilidades e, durante as tréguas, misturando-se, unindo-se sexualmente e procriando, as três raças acabaram, com o decorrer dos tempos, por se fundir em uma, com algumas virtudes inatas ao homem, mas onde predominavam os vícios, e, sobretudo, os instintos

guerreiros e sanguinários, alimentados pela ampla liberdade em que viviam, longe dos centros de civilização e sem a mínima sujeição legal.

Em tais condições é bem de ver que, sendo o sertanejo nortista um produto daqueles antigos elementos em luta, desconhecendo os verdadeiros princípios sociais, completamente ignorante de tudo o que não fosse a luta pela vida, livre de códigos e de sanções penais, a sua lei era a lei selvagem – a da “força”; o seu direito era a sua “vontade”; a sua justiça, o “bacamarte” e o “punhal”.

Mais tarde, quando as estradas de ferro foram penetrando pelo interior dos Estados e os governos entenderam levar um pouco de civilização e de ordem àquelas zonas selvagens, a política interveio para transformar os sertões em feudos dos políticos que estavam no poder, e os sertanejos bravios passaram a vassallos das autoridades que os subjugavam com os soldados de que dispunham a seu talento. E, se algumas dessas autoridades procediam com prudência e justiça, outras ligavam-se a uma família sertaneja de maior prestígio na localidade, quer para efeitos políticos, quer para enriquecerem rapidamente, apropriando-se de terras e gados pertencentes a outras famílias.

Mas, como a política varia e os que se achavam no poder caíam de chofre no ostracismo, para dar lugar ao partido adverso, novas autoridades eram enviadas pelos novos governos para os sertões, em substituição dos primeiros, que já se encontravam donas de latifúndios e ligadas a uma ou mais famílias sertanejas; e, como as novas autoridades, devidamente garantidas pela força pública, queriam, por sua vez, criar e organizar seu partido político no sertão, manobravam como as primeiras, ligando-se a outras famílias sertanejas, até então desamparadas de prestígio, e procedendo em tudo e por tudo como aquelas que substituíam.

É claro que, “mutatis mutantis”, a justiça dos novos dominadores, com raras exceções, passava a proteger os sertanejos sectários do seu credo político, em detrimento do “direito” dos adversários, tal qual como estes haviam procedido quando dispunham das autoridades policiais e do prestígio político.

E assim foi a política se imiscuindo na vida sertaneja, dividindo em castas inimigas aquela população bravia, e sucessivamente dando força e prestígio quer a um, quer a outro grupo de famílias, conforme se achava no poder quer um, quer outro dos partidos que governavam a Nação.

Ora, como os instintos selvagens do índio (que não perdoa ao inimigo), associado aos sentimentos autoritários e violentos do europeu invasor, e à barbaria supersticiosa e cruel do africano, continuavam a preponderar o sertanejo nordestino, produto desse amalgama de sentimentos os mais opostos – originaram-se, daquela intervenção vinda do litoral, lutas sangrentas entre as famílias sertanejas que se não sujeitavam à convenção legal, preferindo a justiça como a entendiam: primitiva, rápida, e exercida por suas próprias mãos contra quaisquer ofensas recebidas, com o assassinio do ofensor; de modo que, perseguidos como criminosos, uniam-se a parentes, internavam-se na vastidão do nosso território, em luta perpétua,

até à morte, com as autoridades perseguidoras.

Eis como se gerou o tipo do "cangaceiro" – espécie de nômade, como o índio, seu antepassado, sem habitação fixa, vagueando pelas caatingas e pelas serras inacessíveis, vivendo como os animais, e denominado cangaceiro, do vocábulo – "cangaço" (conjunto de armas) pelo fato de andarem esses criminosos carregados de armas diversas.

Justiniano de Alencar.

O GLOBO – 10/09/1927

## CAPÍTULO II

A vingança, como disse o Dr. Raul Azedo, em um dos seus artigos – “não constitui para o índio americano, como para o homem civilizado, um defeito moral, uma paixão condenável; representa o “dever” por excelência da solidariedade tribal”.

Essa mesma concepção passou para os nossos sertanejos, e ainda hoje perdura, por dois motivos: 1º) porque os sertões se acham tão afastados da civilização do litoral quanto dezenas de vezes a distância que os separa das capitais dos respectivos Estados, sendo, talvez, de 90% a proporção de analfabetos; 2º) pelo fato, que deixamos assinalado no artigo anterior, da parcialidade na aplicação da justiça por parte das autoridades enviadas pelos governos para aquelas paragens as quais (*exceptis excipiendis*), nomeadas de acordo com os chefes políticos locais, se sujeitam às ordens destes para oprimir os partidários adversos e a gente humilde que os acompanha.

Não há nada que mais provoque o desejo de vingança do que a “injustiça”, principalmente em um meio inculto e povoado por uma raça indômita e soberba da sua bravura.

Daí o ódio do sertanejo pelas autoridades incumbidas de distribuir justiça, por causa exatamente das injustiças que praticam em proveito próprio ou da sua política; e, como consequência desse ódio, a proteção dispensada a todos quantos se rebelam contra as leis tão mal aplicadas, e contra os representantes legais: juízes, delegados, oficiais e soldados.

O sertanejo ignorante e pobre habituou-se assim, durante muitos anos decorridos, a desagravar-se por si, ou com auxílio dos seus, de ofensas recebidas, mesmo que elas partam dos potentados da terra, desde que não confia na justiça das autoridades, por ele consideradas seus maiores inimigos; e, assim sendo, tem imenso prazer em desorientá-las, desviando-lhes a perseguição contra os criminosos por meio de falsas informações, e avisando estes da aproximação da tropa, quando os não acoitam em sua própria casa.

Por seu lado, os cangaceiros, astuciosos e previdentes, certos de que só podem fugir à perseguição com o concurso da gente humilde, exploram habilmente aquela animosidade, repartindo com os necessitados uma parte dos roubos que praticam. Atacam de súbito, ou mesmo com prévio aviso, uma cidade, vila, povoado ou fazenda, que sabem desguarnecida de tropa ou com um contingente que lhes não pode resistir, e impõem aos negociantes e fazendeiros abastados uma espécie de contribuição de guerra, composta de dinheiro, fazendas e gêneros alimentícios. Retirada a parte do leão, que é dividida entre eles, distribuem o restante pela gente pobre, granjeando-lhe, destarte, a simpatia.

Às vezes, o chefe do bando arvora-se também em árbitro supremo

de contendas, que julga a seu modo, conforme as queixas que recebe, ou em protetor da honra de mulheres, sob pena de morte para o contendor ou sedutor que não obedecer ao seu julgamento, tornando-se, assim, querido e respeitado ao mesmo tempo, pela aplicação da "sua" justiça, à moda sertaneja.

Do exposto verifica-se que a política, invadindo os sertões sem cuidar da educação moral e da instrução do sertanejo ignorante, antes mantendo-lhe os instintos atávicos das três raças que o formaram, para que os potentados pudessem tirar proveito de sua ignorância e das suas paixões – foi e continua a ser, a causa principal da anarquia latente ainda hoje, e que só por um grande e continuado esforço dos governos bem intencionados poderá ser modificada.

Lutas tremendas, provocadas quase sempre ou pela falta de garantias individuais ou por injustiças das autoridades contra os direitos dos oprimidos, sacrificados à vontade de chefes políticos, têm ensanguentado, desde tempos imemoriais, aquele pedaço do solo brasileiro. Famílias inteiras se veem dizimado mutuamente, numa vingança feroz, ininterrupta, eliminados sumariamente ora um indivíduo de uma delas, ora outro do lado oposto, até se defrontarem os dois últimos sobreviventes, dos quais um será o assassino do seu último adversário, e, daí por diante, um "cangaceiro" a fugir da perseguição legal.

A história dos sertões nordestinos está cheia desses episódios sangrentos, narrados por João Brígido, Alfredo de Carvalho, Alberto Rangel, Dr. Xavier de Oliveira, e outros historiadores, aos quais o doutor Raul Azedo tem ajuntado outros, verificados por ele pessoalmente, e tão interessantes e elucidativos da psicologia dos nossos sertanejos, que pedimos vênias ao ilustre cientista para transcrever aqui alguns deles.

João Brígido, narrando a luta das famílias "Pataca" e "Cunha Pereira", nos sertões de Ceará, diz que a terra se cobriu de assassinos, e adianta o seguinte: "Ninguém se ofenda; mas todos que têm bisavô nos sertões do Ceará, hão de ter na sua ascendência nomes que podiam ter ficado inscritos no pé da forca".

A luta entre estas duas famílias só terminou com o aniquilamento do chefe Pereira, um filho, amigos e serviçais que o acompanhavam, os quais foram mortos e queimados pelos Patacas, que assaltaram e incendiaram a sua casa.

Por uma questão de posse de terras, travou-se luta sanguinolenta entre as poderosas famílias dos Monte e dos Feitosa, luta que ocasionou centenas de mortes de lado a lado, e foi tão longe, obstinada e sangrenta, "que dela se originaram (como afirma o Dr. Raul Azedo) os nomes de muitas localidades onde se feriram os mais terríveis combates", tais como: "Riacho do Sangue", "Batalha", "Emboscadas", "Defuntos", "Cruzes", "Trincheiras" e outros.

A coisa tomou tal aspecto, que o ouvidor José Mendes Machado, sentindo-se impotente para intervir na luta entre essas duas famílias, pela diminuta força de que dispunha a colônia, embarcou para Portugal, a fim

de pedir o apoio do rei, que lhe concedeu. De volta, começou ele então a perseguir os dois bandos criminosos; mas, ainda assim, os Monte e os Feitosa reagiram durante bastante tempo, lutando entre si e contra as tropas reais. Por fim, batido Geraldo Monte, chefe dessa família, e dada ordem de prisão contra o chefe Feitosa, este internou-se no centro do Piauí, de onde conseguiu mandar matar, sucessivamente, dois irmãos de Geraldo Monte e mais sete partidários deste. E esse terrível criminoso nada sofreu. Passados anos, voltou ele para sua fazenda Cococy, onde morreu tranquilamente, legando aos seus descendentes, como um troféu glorioso, a sua espingarda, que denominava "Lagartixa", com a qual cometera tão grande número de mortes.

As lutas entre as famílias dos Cavalcante e dos André, entre as dos Araújo e dos Maciel, foram outras tantas que ensanguentaram os sertões do Nordeste, constando-nos que o célebre Antônio Conselheiro, que tanto trabalho deu ao governo da União, em Canudos, e por causa de quem morreriam milhares de pessoas, era o último sobrevivente da família Maciel, que, depois de matar o último dos Araújo, fez-se beato e fanático.

Essas rixas entre famílias, ambas poderosas, ou mesmo entre uma poderosa e outra inferior, mas que levava muitas vezes vantagens sobre a primeira, pela valentia dos indivíduos que a compunham, atualmente são muito menos frequentes; mas ainda existe essa solidariedade de família, na qual o sertanejo nortista confia muito mais do que na Justiça Pública.

O Dr. Raul Azedo narra um caso, de que foi testemunha, demonstrativo dessa solidariedade: o de um sertanejo, da família Carvalho, em cuja fazenda ele e um companheiro de viagem se hospedaram, tendo sido recebidos e tratados com a maior urbanidade, e onde se demoraram dois dias, por insistentes pedidos do seu hospedeiro. Para dar uma ideia do caráter do sertanejo, conta que ele se casara com a viúva de um seu amigo dedicado, mãe de sete ou oito filhos, por pena de vê-la desamparada, amando extremosamente a mulher, muito mais velha do que ele, bem como as crianças que não eram suas. No dia seguinte ao de sua chegada, recebe o sertanejo uma carta de um seu irmão, também fazendeiro, na qual lhe comunicava ter sido atacada e incendiada a casa de um seu parente pelos "Pereiras", inimigos dos "Carvalhos". Imediatamente ele despede-se dos seus hóspedes, insistindo para que permaneçam em sua casa o tempo que entenderem, mas que o "dever" o impele a abandonar tudo para correr em defesa dos seus.

– Mas não seria preferível – lhe observa o Dr. Raul – que o senhor apelasse para a Justiça e desse queixa contra esses "Pereiras"?

– A Justiça? – replicou o sertanejo – aí é que iam parar na cadeia e ficar arrasados todos os "Carvalhos". Os "Pereiras" andam metidos com os chefes políticos; estão sempre com o governo e são, por isso, ricos e prepotentes. Este seria o pior recurso.

E abalou, montando em veloz cavalo, para a vingança, em socorro dos seus parentes.

O caso deste sertanejo é típico, para se avaliar de que modo um ho-

mem bom, trabalhador e honesto, possuidor até de virtudes raras, se pode transformar, de repente, num cangaceiro.

O instinto da "vingança", vindo dos seus antepassados, se acha latente no seu organismo, bastando uma faísca para fazê-lo explodir e sobrepor-se a todas as virtudes. De então por diante, criminoso e perseguido, o sertanejo pacato da véspera torna-se um tigre; cerca-se de facínoras da pior espécie em defesa própria e constitui um perigo social que é preciso extinguir a todo custo.

E a Justiça Pública, que deveria servir para refrear aquele instinto, afastando-se por completo da política, garantindo o direito individual e sendo inflexível contra a opressão dos humildes pelos poderosos – é, muitas vezes, a responsável daquele funesto resultado, pela parcialidade dos seus representantes, obrigando o sertanejo a fugir dela para desagrarar-se, por suas próprias mãos, de ofensas recebidas.

O caso de Jesuíno Brilhante, vaqueiro trabalhador e honrado, transformado em temível cangaceiro, por ter "vingado" a morte de um seu cunhado, matando por sua vez o assassino deste; o de Casimiro Honório, que durante longo tempo foi o terror da zona do Riacho do Navio, em Pernambuco; o da família Quintino versus família Pinheiro, se despedaçando mutuamente; o de Antônio Silvino, que foi preso depois de um longo tirocínio no crime e se encontra na Casa de Detenção do Recife, são outros tantos exemplos de atavismo, dessa tendência incoercível do sertanejo pela vingança particular, exercida por ele próprio, com manifesta ojeriza pela intervenção da Justiça Pública, por ter perdido nela a confiança, que ela, desde o começo, lhe deveria ter inspirado.

O GLOBO – 13/09/1927

## CAPÍTULO III

Dos nossos dois artigos anteriores, evidencia-se que duas providências se impõem aos governos para os sertões do Nordeste: – “Instrução” e “Justiça”; – escolas e magistrados íntegros, desligados dos chefes políticos locais e dispendo de força policial disciplinada para o cumprimento de suas ordens.

Enquanto não levarmos ao sertanejo a certeza de que ele não será mais o vassalo dos potentados da terra, de que todas as garantias lhe serão dadas pelos poderes públicos, de que o seu direito será respeitado pelas autoridades e os seus delitos punidos de acordo com as leis e não de conformidade com a vontade dos políticos situacionistas – tudo quanto se fizer será inútil para modificar-lhe o caráter e tirar-lhe esse pendor para a vingança particular, que herdou dos seus antepassados, e que leva ao crime. Será este o único meio de se evitar que novos bandos de cangaceiros se formem, arrastados por aquele instinto sanguinário que já analisamos.

Estas mesmas considerações lemos em um discurso proferido na Câmara dos Deputados de Pernambuco pelo deputado Arruda Falcão, o transcrito aqui no jornal *A Manhã*, de 9 de agosto findo. Infelizmente, o inteligente orador, com a preocupação de fazer obra de oposição ao governo, subordinou as suas patrióticas aspirações, que são as de todos os bons pernambucanos, a conclusões verdadeiramente contraproducentes.

Combatendo a proposta orçamentária do governo para 1928, na qual o Dr. Estácio Coimbra pedia um aumento na dotação da verba destinada à força pública, o ilustre deputado, citando Alberto Rangel, disse o seguinte: – “O cangaceiro é uma expressão da terra que habita, como o jangadeiro o é do mar. A sua moral tem as irregularidades de infrações devidas ao olvido e ao desleixo com que o fulminou a organização política do país.

O banditismo é uma endemia do sertão, mas é a hipertrofia da coragem. Tipo estupendo da originalidade, o Brasil não produziu nenhum mais interessante. Com a educação conveniente, o sertanejo abandonaria a crueza de desvios sociais e seria um fator de trabalho e de riqueza.”

Destes conceitos, que não sofrem contestação, tirou o Dr. Arruda Falcão as seguintes conclusões:

– “Precisamos manter no sertão excelente justiça ‘e nada de polícia’ para solução de problemas de ordem social e econômica que ela nunca poderia resolver. ‘O sertão não espera policiamento’ para desenvolver-se. Precisa desde tempos imemoriais colocar-se ao abrigo da lei moral e do pão quotidiano. Melhoramentos materiais, melhoramento moral. Eis os benefícios que ao sertão nunca os governos enviaram”.

Em vez de “reforçar a eficiência numérica dos batalhões policiais, olhemos com especial cuidado para o serviço da Justiça.”

Não são outras as ideias que vimos emitindo neste trabalho sobre o

caráter do sertanejo nordestino e a necessidade de se lhe dar instrução e justiça.

Mas isto leva tempo e necessita muito trabalho e muita perseverança por parte dos governos, "PORQUE NÃO SE ATACA FACILMENTE COM HÁBITOS, FORMANDO O CARÁTER DE UM POVO"; de modo que, concomitantemente com as providências que todos aconselham, ou melhor, para que elas possam surtir o efeito desejado, torna-se imprescindível extinguir desde já os bandos de criminosos que infestam atualmente os sertões do Nordeste, mesmo porque não é possível a aplicação serena da Justiça quando os seus representantes vivem sob a ameaça constante de morte desses bandos sinistros, para os quais já não servem aquelas providências.

E como extingui-los sem uma força numerosa, pelos motivos que deixamos apontados em nosso primeiro artigo? Basta dizer-se que, não obstante se acharem atualmente nos sertões o Nordeste, em perseguição aos bandidos, "AS MILÍCIAS DE SEIS ESTADOS coligadas pelo convênio de dezembro de 1926, em primeiro talvez superior a 2.000 SOLDADOS, ainda não foi possível a captura de "Lampião", de "Massilon" e de outros celeros que destes chefes se desligaram, constituindo novos bandos.

Foi, pois, uma verdadeira heresia a afirmativa do deputado pernambucano – "de que precisamos manter no sertão excelente justiça E NADA DE POLÍCIA" – pois sem polícia é que a justiça não pode ser exercida.

E, tanto assim, que o próprio autor dessa frase, "no mesmo discurso" que citamos, disse também o seguinte, em completo antagonismo com aquela afirmativa e com a sua oposição ao aumento da força pública (textual):

– "COMO MEDIDA DE EMERGÊNCIA, A CAPTURA DOS CELERADOS CERTAMENTE SE IMPÕE AOS BONS DESÍGNIOS DA ADMINISTRAÇÃO."

Ora, não há de ser com pequenos contingentes policiais que o governo pernambucano poderá conseguir este resultado PRELIMINAR, para chegar então ao FIM, por todos almejado. O grande erro dos governos tem sido justamente manter nos sertões pequena força policial em perseguição aos criminosos. Com a tática dos cangaceiros e a facilidade de locomoção que eles têm, como conhecedores do terreno e dos seus esconderijos, em pouco tempo os soldados ficam extenuados, tornando-se impossível a perseguição e sacrificando-se inutilmente homens e dinheiro.

Por consequência, "se a captura dos acelerados se impõe ao governo" (como disse o deputado Falcão), o aumento da força pública é uma necessidade indiscutível e urgente.

Para estes cangaceiros, que estão depredando o Nordeste e tornando impossível a vida do sertanejo honesto e trabalhador, todos os rigores são poucos, tanto mais quanto eles se afastam inteiramente de alguns dos seus antecessores que, em meio de sua vida de crimes, conservavam algumas virtudes primitivas, como a probidade, a proteção para os fracos e o respeito pelas mulheres; de sorte que não é de admirar que quase todos os historiadores da nossa vida sertaneja se refiram a cangaceiros, qualificando-os de – homens valentes e "honestos."

De "Jesuíno Brilhante", bandido famoso dos sertões do Ceará, terror dos seus inimigos e um tigre sanguinário quando se defrontava com a polícia e a tropa de linha que o perseguiram, conta Rodolfo Teófilo que por ocasião de uma seca tremenda que assolou aquele Estado, ele se tornou uma Providência para a gente humilde, salvando da morte centenas de famintos, aos quais distribuía mantimentos e roupas.

Xavier de Oliveira, no seu livro – *Beatos e Cangaceiros* – que tem o mérito incontestável de ter sido escrito por um filho do sertão do Ceará, e no qual ele narra as façanhas de 13 cangaceiros "que conheceu pessoalmente" – traça o perfil de diversos como de indivíduos trabalhadores, e "nobres". Do cangaceiro "Beato da Cruz", diz que – "a sua memória e as suas virtudes jamais deixarão de ser veneradas, enquanto houver um romeiro crédulo na Jerusalém Brasileira (o Juazeiro do Padre Cícero). "Referindo-se a "Quintino", outro cangaceiro de Pajeú de Flores, que foi ter no Juazeiro perseguido pela polícia pernambucana, diz: – "era um homem bom, nobre e pacato; um amigo leal, embora um inimigo temível e terrível". De "Antônio Vaqueiro" e "Antônio Godé", bandidos de incrível audácia, diz: – "eram homens honestos em quem a nobreza reclamava a primazia à coragem; incapazes de uma traição como de uma covardia". E, para demonstrar a probidade e honradez de alguns desses cangaceiros, conta o seguinte, referente a um deles: – "Canuto Reis" nunca roubou de ninguém um alfinete sequer; mas também nunca levou para casa um desaforo, por pequenino que fosse. Quando o coronel Franco Rabelo, que se apossou violentamente do governo do Ceará, entendeu acabar com o prestígio do padre Cícero, Canuto Reis foi um dos heróis da jornada de 14 de janeiro de 1914, em que as forças do governo foram completamente derrotadas pelos romeiros do padre. Vitoriosos, os sertanejos e "os chefes" revolucionários começaram a saquear a cidade do Crato, onde se ferira o combate, enquanto Canuto se dirigiu a um de nome Pedrinho, pedindo-lhe dez tostões emprestados, para matar a fome, pois não comia desde que começara a luta. Lendo na fisionomia de seu interlocutor a surpresa que lhe causara um tal pedido naquela ocasião, disse-lhe o bandido: – "Seu Pedrinho, me empreste dez tostão. Tou vendo que vosmincê se admira de não tá também robando; mas um cabra de vergonha, como eu, tem corage pra mata cem homes de uma veiz, mas não tem pra robar um vintém, nem que seja do bispo. Isso faz vergonha."

Do mesmo modo, Xavier de Oliveira se refere a outros dos seus 13 biografados, salientando-lhes às vezes a perversidade, mas sempre abandonando-lhes algumas virtudes.

Um perfil de cangaceiro que se arroga, como chefe de um grupo, o papel de – "juiz" – à moda sertaneja traça o Dr. Raul Azedo, narrando o que lhe contou uma velhinha, em cuja choupana ele e um companheiro de viagem se hospedaram, quando atravessavam a zona quase deserta do riacho do Navio, em Pernambuco, sobre as façanhas do terrível bandido Casimiro Honório: – "Se furtam um bode da gente (disse a velhinha na simplicidade do estilo sertanejo), a gente corre onde está Casimiro e basta

o ladrão saber disso para o bode logo aparecer. Se alguma coisa ruim faz mal a qualquer moça solteira e não casar com ela, a mãe da moça vai se valer de Casimiro, que manda um recado ao sem-vergonha e ele mais que depressa trata de casar com a moça.”

O célebre cangaceiro Antônio Silvino entrou para o “cangaço” para vingar o assassinato do pai, quando ele ainda menino, por não ter a Justiça punido o criminoso. Quando cresceu, vingou-se matando o assassino e mais quatro irmãos deste. Depois, correu o sertão espalhando o terror, roubando nas estradas, incendiando fazendas e saqueando o comércio nas cidades e vilas. Mas, como distribuía com a pobreza uma parte dos roubos, e se constituiu o protetor da honra das moças, captou a simpatia da gente humilde, ao ponto dos menestréis sertanejos contarem nas suas “décimas” as proezas d’ “O Capitão”, como apelidaram-no. Pôde assim dominar nos sertões do Nordeste durante 20 anos, zombando da polícia pernambucana que o perseguia tenazmente, porque os pobres acoitavam-no em suas casas. Afinal, ferido de um encontro com a força pública, foi preso e se acha recolhido à Casa de Detenção de Recife, onde tem um comportamento exemplar.

Em suma, Gustavo Barroso, no seu livro *Heróis e Bandidos*, não deixou igualmente de salientar o chocante contraste daquelas almas sertanejas de outrora, onde as maiores personalidades se aliavam a uma nobreza de caráter inexplicável, conforme a ocasião e o meio em que agiam.

Mas, até nesse ponto, aquela raça degenerou. O lado heroico, que provocava a admiração dos historiadores do “cangaço”, pela sua parceria com os instintos ferozes, desapareceu.

Os atuais bandos de criminosos que infestam o Nordeste brasileiro são compostos de facínoras da pior espécie, sem a menor sombra de uma qualidade indômita, (...) “Lampião”, “Massilon”, “Sabino Gomes” e seus sequazes são apenas tipos de ladrões sanguinários e de assassinos covardes. Nos assaltos que deram à vila de Algodões e à cidade de Triunfo, em abril de 1926, esses bandidos não encontraram a menor resistência, por terem fugido covardemente os destacamentos policiais que guarneciam aquelas localidades. Pois bem, não obstante a passividade com que os recebeu a população atemorizada, os perversos não se contentaram em saquear as principais casas comerciais; assassinaram friamente diversas pessoas, incendiaram fazendas, mataram o gado e atiraram-se como canibais contra infelizes moças solteiras que não tiveram tempo de fugir, maculando-as em sua honra, e, para cúmulo da malvadez, surraram desapidadamente aquelas que ainda procuraram resistir aos seus instintos bestiais.

Urge, pois, o extermínio dessas bestas-feras, custe o que custar. Os governos nortistas têm o dever inadiável de dar caça a esses bandos ferozes, numa perseguição tenaz, sem tréguas, a fim de que possa ser iniciada a regeneração dos costumes sertanejos pela “Instrução” e pela “Justiça”.

Só então poder-se-á conseguir que o sertanejo nortista abandone a sua vida de aventuras criminosas para se tornar um fator de trabalho e de riqueza.

## CAPÍTULO IV

O número de cangaceiros mortos e capturados no curto período de seis meses de dezembro de 1926 a maio do corrente ano, é a prova mais evidente de que a perseguição atual – é um fato – nos sertões de Pernambuco.

Dos pontos diversos em que se têm ferido os combates contra esses criminosos, bem como do número de oficiais que têm comandado as forças pernambucanas em sua perseguição (os quais propositalmente citamos no artigo anterior) evidencia-se igualmente o que deixamos registrado: – que o chefe de polícia de Pernambuco tem atualmente todos os pontos estratégicos do sertão guarnecidos de tropa.

Esse número é ainda a demonstração incontestável de que a preponderância de chefes políticos do interior, protetores de bandidos, terminou felizmente nos sertões de Pernambuco, graças às enérgicas providências do Dr. Estácio Coimbra. Temos elementos seguros para poder afirmar que as ordens dadas pelo Dr. Souza Leão aos oficiais da tropa pernambucana que opera contra os cangaceiros, bem como aos comandantes dos destacamentos que se acham aquartelados nas cidades e vilas, são as mais terminantes e positivas nesse sentido, secundando as determinações do governo. Nenhum chefe político se atreverá mais a proteger criminosos, nem tê-los sob a guarda e à sua disposição para satisfazer os seus ódios pessoais, sob pena de perder o prestígio político e sofrer, como qualquer outra pessoa, os rigores da lei. E a prova temo-la no desgosto (sabemo-lo de fonte segura) que já está lavrando entre alguns desses chefes, pela atitude inflexível do governo pernambucano, que não cederá neste ponto a influências de espécie alguma.

Infelizmente não podemos dizer o mesmo relativamente a todo o sertão do Nordeste. Se é exato que o chefe de polícia de Pernambuco tem conseguido eficaz auxílio de quase todos os seus colegas de outros Estados que assinaram o convênio de 1926, não é menos certo que a solidariedade estabelecida por esse convênio está sendo altamente prejudicada com o rompimento de um deles.

Sabe-se aqui no Rio, por telegramas de notícias vindas do Norte, que o estado do Ceará tem deixado de cumprir os compromissos assumidos, constando mesmo que, por imposição dos chefes políticos locais, o governo daquele Estado não persegue mais “Lampião” e os celerados que o acompanham, como fizera no começo da campanha, com o resultado magnífico que já deixamos assinalado.

Ainda há poucos dias o vespertino *O GLOBO*, de 22 de agosto findo, publicou dois longos telegramas procedentes de Fortaleza, sob as epígrafes: “O Nordeste assolado pelo banditismo. – Aracati e Cascavel ameaça-

das por Lampião". Dos quais extraímos os seguintes períodos:

"Está confirmada a notícia de haver sido avistado, na vila de Palhano, distante sete léguas de Aracati, um grupo de 15 cangaceiros chefiados pelo já célebre Massilon, que separou-se de "Lampião".

Aracaty está transformada numa praça de guerra, passando a noite vigiada por 30 homens armados, custeados pelo comércio local, que arca com mais esse imposto forçado porque o presidente Moreira da Rocha recusou enviar forças policiais para garantia da população, sob o fundamento de não acreditar que a cidade de Aracati seja atacada pelos bandidos.

A cidade de Cascavel, situada próximo à capital, está sendo abandonada pela população, pois que o grupo do facínora Massilon se acha a três léguas de distância."

Estas notícias foram confirmadas por um outro telegrama procedente do Maranhão (estado que não fez parte do convênio e, portanto, insuspeito), publicado no vespertino *A Esquerda*, de 23 de agosto, sob a epígrafe: – Os bandoleiros no Ceará. – A irritante atitude do presidente Moreira da Rocha.

Ei-lo, textualmente:

"MARANHÃO, 25 – Todos os jornais desta capital inserem notícias sobre os atos de banditismo praticados pelos vários grupos de bandoleiros no estado do Ceará.

Passageiros procedentes de Fortaleza narram o êxodo das famílias residentes na fértil zona do Jaguaribe e unanimemente censuram o des-caso do presidente Moreira da Rocha. Acrescentam que os bandidos estão amparados pelos chefes políticos do interior em destaque no situacionismo local."

Novos telegramas, procedentes de Fortaleza e de Jaguaribe-Mirim, foram aqui publicados pelo *GLOBO*, noticiando que a fazenda Michael fora assaltada pelo bandido Massilon, achando-se gravemente enfermo o Sr. Enéas Ribeiro, seu proprietário, em consequência da surra que os cangaceiros lhe aplicaram; e mais, que eram conhecidas as pessoas influentes que em Riacho do Sangue se fizeram protetoras do bando sinistro.

– "Diversos fazendeiros da região jaguaribana (acrescenta o telegrama citado de Jaguaribe-Mirim) fogem abandonando suas propriedades, cumprindo ao governo do Estado enviar pessoa idônea, alheia aos interesses locais, para apurar as responsabilidades dos que protegem o bando criminoso."

Finalmente, esta vergonhosa proteção acaba de ser confirmada por um telegrama recente de Fortaleza estampado nos jornais aqui, e comentado pela *A Manhã*, de 14 do corrente, o seguinte gravíssimo suelto:

– "Os vespertinos divulgaram um telegrama de Fortaleza em que se comunica ao país um fato que nos deve cobrir de vergonha: – a apuração, por meio de um inquérito, da conivência oficial do Estado na proteção à Lampião.

Ficou apurado, desse inquérito, haver no regimento militar de patentes elevadas incumbidas de simular a caça ao bandido e seu bando para,

no momento oportuno, facilitarem-lhes a fuga.

Políticos de responsabilidade acham-se envolvidos no caso, o que vem colocar o governo do Estado numa posição gravemente suspeita, visto como esses políticos são todos influentes na administração e figuras de destaque no partido dominante.

Ora, toda a gente se lembra da ação combinada dos governos do nordeste brasileiro para liquidar de uma vez com o bandido Lampião. E toda gente se recorda do embaraço encontrado justamente no governo cearense para o êxito da diligência.

Agora, como se vê, um fio lógico vem ligar os acontecimentos e formar contra a politicagem cearense uma robusta prova indiciária de conluio. Explica-se, pois, a inércia sempre demonstrada pelo Sr. Moreira da Rocha na campanha policial contra os bandoleiros!”.

—

Diante de tais notícias, provenientes de fontes diversas e todas concordes, não é mais lícito duvidarmos de que o estado do Ceará, pelas lamentáveis influências políticas que desnaturam os melhores propósitos, se tenha desligado dos compromissos do convênio pernambucano que o seu representante assinou.

De resto, para caracterizar esse rompimento, basta o fato (publicado pelos jornais de Recife) de ter o chefe de polícia daquele Estado pedido ao Dr. Eurico de Souza Leão a retirada das forças pernambucanas do território cearense, quando essas forças iam no encalço de “Lampião” e do seu bando, sob o pretexto de estarem elas praticando violências contra fazendeiros, tomando à força cavalos e “armas” (!) dos sertanejos, e outras alegações falsíssimas.

Por uma das cláusulas do convênio, os oficiais comandantes das forças aliadas tinham o direito de requisitar animais, onde os encontrassem, para perseguição aos bandidos em fuga, mediante indenização dos respectivos governos aos seus proprietários, pois não se compreende que os soldados fossem perseguir a pé bandidos muito bem montados. E, quanto aos excessos atribuídos às forças pernambucanas, o pretexto era tão calvo, que a sua falsidade decorria do depoimento de um oficial da própria polícia cearense, o tenente Bezerra, que combateu ao lado das forças pernambucanas num ataque dos bandoleiros, o qual, em telegrama dirigido ao major Teófanos Torres, comandante em chefe da tropa sertaneja, elogiava a bravura e disciplina dos soldados pernambucanos.

No ataque de “Lampião” à cidade de Jardim (Ceará) à frente de 80 celerados, foram ainda as forças pernambucanas, comandadas pelo bravo sargento Arlindo Rocha, que livraram aquela cidade do morticínio e do saque, oferecendo combate ao bando sinistro, no qual morreram 4 bandidos, fugindo os demais em debandada.

O procedimento desse inferior foi de tal natureza, que as autoridades judiciárias de Jardim, grande número de comerciantes e até eclesiásticos, telegrafaram ao Dr. Estácio Coimbra, governador de Pernambuco, pedindo-

-lhe a promoção do sargento Arlindo, pelo denodo e correção de que deu provas. E o Dr. Estácio atendeu o pedido imediatamente, promovendo a tenente o referido sargento.

Pois bem: – não obstante tais e tantas demonstrações de pessoas graduadas do próprio estado do Ceará, em favor da disciplina dos oficiais e praças de Pernambuco, o chefe de polícia daquele Estado pediu a retirada das forças pernambucanas do seu território, sacrificando assim uma campanha patriótica tão bem começada, e assumindo com essa atitude uma tremenda responsabilidade perante a Nação pelo malogro dessa campanha.

O GLOBO – 05/10/1927

## CAPÍTULO V

Desde junho deste ano vinha sendo notada a má vontade com que chefes políticos do interior do Ceará olhavam a incursão das forças aliadas no seu território, em virtude do convênio pernambucano; principalmente por parte das famílias cearenses Santa Ana, Chicote e Arruda, que procuravam por todos os meios dificultar a perseguição a Lampião e outros cangaceiros.

O *Diário da Manhã*, de Recife, em seu número de 15 de julho, transcreveu uma entrevista dada por um fazendeiro do Ceará, José Ribeiro da Costa, ao jornal *A Tarde*, da Bahia, na qual o referido fazendeiro declarou "que vinha do Ceará" e que Lampião ali estava seguro contra quaisquer perseguições. – "A polícia do meu Estado (disse ele) não incomoda Lampião. O Ceará oficial entende-se com ele e o protege. O governador Moreira da Rocha eo padre Cícero garantem-lhe plenaliberdade de locomoção."

Nesta mesma entrevista o citado fazendeiro fez também grave acusação ao governo de Pernambuco (não são sabemos com que fundamento, uma vez que declarou "ter vindo do Ceará", onde tinha suas fazendas) afirmando – "que a polícia pernambucana fingia apenas guerrear Lampião, mas que, de verdade, o que fazia era aproveitar o lamentável estado de coisas, para tirar gordos proveitos."

É bem de ver que o *Diário da Manhã*, folha oposicionista à situação política de Pernambuco, inseriu também esta acusação. Entretanto, adiantou os seguintes conceitos: – "Não queremos crer, assim, sem mais nem menos, que essa deprimente invectiva seja procedente. Não temos, todavia, elementos para contestá-la. E, por isso, "limitamo-nos a registrá-la, visando com isso arrancar aos atingidos pela vergonhosa incriminação palavras de defesa."

Essa defesa não tardou. Foi *A Província*, de Recife, em nota que nos pareceu oficial; e foi tal modo esmagadora, que o jornal oposicionista não voltou ao assunto.

Dela extraímos os seguintes períodos:

"Se a polícia pernambucana "finge apenas" perseguir Lampião, porque fugiu ele dos sertões de Pernambuco para se internar nos do Ceará? Depois que o Dr. Souza Leão iniciou a campanha atual, é mister indagar: – "Onde as fazendas pernambucanas incendiadas? Os roubos? Os assassínios? Apontem-nos, se puderem. É verdade que o celerado volta às vezes aos nossos sertões, por dias, para se ausentar de novo; ele, ou alguns bandidos do seu bando, que se dividiu em diversos grupos, chefiados por outros perversos, por causa justamente da perseguição tenaz que lhes movem os nossos soldados; mas vivem escondidos nas caatingas, porque sabem que não há mais uma cidade ou vila que não esteja guarneçada de

tropa.

“No entanto, se querem ver com olhos justos, sinceros, vão ao teatro dos acontecimentos. Todos os meios serão facilitados, por que de direito, aos jornalistas que se interessam, a fim de darem lealmente o seu testemunho sobre a ação de Pernambuco na campanha contra os bandoleiros.”

---

Mais alto, porém, do que essa linguagem franca e leal, falam – “os fatos”.

Além dos 96 bandidos, mortos ou capturados, de dezembro de 1926 (data do convênio) a maio do corrente ano, cujos nomes constam do nosso artigo, temos mais os seguintes, de junho até hoje:

### MORTOS EM COMBATE

O temível bandido Jararaca, lugar-tenente de Lampião, ferido e morto dias depois, tendo feito declarações, tomadas por termo, de que muitos de seus companheiros já haviam desertado do bando, diante da perspectiva da polícia pernambucana; José Isidoro, vulgo “Jatobá”; José Lopes, vulgo “Pinga-Fogo”; Antônio de tal, vulgo “Sabiá”; José Marinheiro, Antônio Garapu, coiteiro Firmino José Sant’Anna, Hortêncio de tal, vulgo “Graúna”; Manoel do Vale, vulgo “Lavandeira” e Manoel Maria – 10.

### CAPTURADOS.

João Nunes Lima, Manoel Pereira, José Bento, Cândido Cícero, Agostinho de tal, vulgo “Patrício”; Benedito Domingos, Fortunato Domingos, vulgo “Guará”. Antônio Quelé, vulgo “Candeeiro”; Manoel Victor, José Vieira, José Guida, Firmino de Dona, vulgo “Condutor”; Venâncio Ferreira, vulgo “Açucena”; Manoel Claro, vulgo “Teotônio”; Cornélio de tal, vulgo “Pirulito”; Manoel Domingos, coiteiro David Dudu, coiteiro Manoel de Lucinda, coiteiro Dionísio Vaqueiro, Domingos dos Anjos, vulgo “Serra Uman”, terrível facínora do grupo de Lampião; Raimundo dos Anjos, pai de “Serra Uman”; Luiz Paulo Santos, João Sipahuba, Emídio Lopes, Antônio Juvenal, vulgo “Mergulhão”; coiteiro Cesário Domingos, Pedro Domingos, Camilo Domingos, Albino da Silva, Domingos Souza, vulgo “José Pastora”; Júlio de tal, coiteiro Antônio Bento dos Santos, vulgo “Cobra Verde”; José Terto, vulgo “Caneta”; José Rosa, vulgo “Candinho”; João Terto, Nicodemos Cordeiro, vulgo “Nico”; Luiz Bezerra, vulgo “Manoel Helena”; Manoel Luiz, vulgo “Manoel Helena”; Marcos Gaudêncio de Sá, João Quirino Neto, Gabriel Pereira Barbosa, Marinho Gonçalves dos Santos, Ângelo de tal, vulgo “Capão”, do grupo de Lampião e Antônio Gregório, vulgo “Baraúna”, um dos mais perigosos do grupo de Lampião, preso nos esconderijos da serra Arapuá, pelo bravo tenente Arlindo Rocha. – Ao todo 47 capturados.

Aí temos, portanto, com os 96 do nosso artigo, os bandidos mortos em combate e os capturados. Ao todo 153 cangaceiros, dos quais já estão livres os sertões do Nordeste.

É assim que a polícia pernambucana “finge apenas” persegui-los.

Poderíamos terminar aqui o artigo de hoje; mas como se poderia pôr em dúvida a veracidade da estatística que pacientemente organizamos pelas notícias publicadas em diversos jornais, aqui e nos Estados do Norte, vamos transcrever uma importantíssima entrevista que ao jornal *A Província*, de Recife, deu o coronel Francisco Romão, fazendeiro no município pernambucano de Salgueiros, depoimento tanto mais insuspeito, quando se trata de um "adversário político intransigente da situação atual de Pernambuco, correligionário e amigo dedicado do ex-senador Manoel Borba".

Eis o que publicou *A Província*, em seu número de 9 do corrente:

"Há dias estive nesta capital o senhor coronel Francisco Romão, chefe político *borbista* em Salgueiros. Disso tendo conhecimento, um repórter desta folha resolveu ir ouvi-lo a cerca do banditismo em o Nordeste e, particularmente, em Pernambuco.

O coronel estava em companhia de outro sertanejo político.

Falou o nosso repórter:

– Então, coronel, como vamos de policiamento contra o nefasto cangaceirismo? As tropas têm desenvolvido com eficácia a perseguição ao banditismo?

– Esta é a verdade, senhor, respondeu o coronel. Correligionário do ex-senador Borba, ao qual sempre dei o meu apoio e darei em qualquer emergência, por um dever de lealdade para mim mesmo, não posso, entretanto, deixar de reconhecer que o Dr. Eurico de Souza Leão tem sido um abnegado, diante os interesses dos sertanejos, na campanha contra o banditismo. O amigo não pode avaliar os vexames que passamos com os *raids* contínuos de Lampião às nossas paragens. Era um horror. Mães que choravam, maridos que se maldiziam da sorte, finalmente um pandemônio.

Hoje, porém, o grupo de Lampião está reduzido a 12 ou 14 bandidos, internados nas caatingas, porque as forças policiais não lhes dão tréguas.

Hoje se pode viajar com plena segurança no sertão. A polícia pernambucana tem desempenhado com louvores o que lhe foi confiado: – o extermínio do cangaceirismo.

O major Theophanes Torres, a quem o Dr. Eurico confiou a chefia das forças volantes é um oficial esforçado, conhecedor absoluto de toda a zona sertaneja, e, com calma, sem reclame, vem realizando uma campanha perfeita, de pleno acordo com o chefe de polícia.

– Mas alguns jornais (replicamos) costumam, quando atacam o governo, desmerecer a energia da polícia nos combates a Lampião. Que nos diz o coronel?

– Nada mais lhe posso adiantar. – sou, "quero que o senhor frise bem em seu jornal o seguinte: – sou *borbista*, nunca abandonarei o ex-senador; por isto ninguém mais autorizado do que eu para falar nestas coisas. Por um princípio político "sou inimigo da situação atual"; e que lucraria eu louvar a polícia, endeusando a campanha feita pela mesma em nossos sertões se tudo isto não fosse verdade?

A campanha contra o cangaceirismo, feita pelo Dr. Eurico de Souza

Leão e pelo major Theófanés é uma campanha que merece todo o aplauso dos sertanejos. E ouça: eu, chefe *borbista* intransigente, sou o primeiro a aplaudir.

---

O jornal terminou a sua publicação com o seguinte período, que fazemos nosso: – “Os que têm combatido a ação do Sr. Dr. Chefe de polícia, que contestem o coronel Romão. Contra fatos não valem argumentos falsos”.

O GLOBO – 07/10/1927

## CAPÍTULO VI

### JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO – POTÊNCIA FORA DA LEI INCRUSTADA COMO UM CANCRO NO ESTADO DO CEARÁ – AS CONCLUSÕES DE UM ENSAIO POLÍTICO-SOCIAL

Compreende-se bem que, com o rompimento do Ceará ao convênio pernambucano, torna-se difícilíssima a captura de Lampião, de Massilon, de Sabino Gomes, dos irmãos Marcelino, e de outros facínoras, desde que as forças aliadas não podem mais atravessar o território daquele Estado em sua perseguição.

Acosados, eles internam-se nos sertões do Ceará, onde se refazem de armas, munição e mantimentos, e onde se acham garantidos pelos chefes políticos locais, seus protetores ostensivos, tais como os membros das famílias Sant'Anna, Chicote e Arruda, e, acima de todos, o padre Cícero, do Juazeiro.

Para se ter uma ideia do que é o Juazeiro e da proteção que naquele reduto gozam todos os criminosos, basta ler-se o interessante livro de Lourenço Filho – *O Juazeiro do Padre Cícero*.

O Juazeiro – diz ele à página 161 – “se tornou um Estado no Estado, sem outra lei senão a do arbítrio de seus chefes, com forças armadas próprias, justiça própria, moral e religião especialíssima; e, nessa situação fantástica, ainda hoje permanece.”

Não há quem ignore que o presidente Artur Bernardes incumbiu o falecido deputado federal Dr. Floro Bartolomeu de organizar nos sertões do Ceará um batalhão patriótico para auxiliar o Exército Nacional na perseguição aos revoltosos da Coluna Prestes; e o Dr. Floro, que era o alter ego do padre Cícero, chegando ao Juazeiro, não teve a menor dificuldade em organizar o referido batalhão, composto de 800 homens, em grande parte criminosos, que foram armados de fuzis Mauser e fartamente municiados.

Há quem conteste que Lampião e seu grupo de 50 cangaceiros (inclusive ele) fizesse parte do batalhão patriótico do Dr. Floro; mas, se não fez, foi porque não quis, porquanto o Dr. Júlio Ibiapina, diretor do jornal *O Ceará*, de Fortaleza, achando-se nesta capital em janeiro deste ano, deu uma entrevista ao matutino *A Manhã*, publicada no dia 7 do mesmo mês, na qual disse o seguinte (textual):

– “Quando, no meu Estado, cogitaram de organizar o célebre batalhão patriótico, Lampião foi convidado pelo ‘general’ legalista para assumir uma posição ‘de comando’ (!) nas hostes governistas”.

Essa declaração foi feita pelo Padre Cícero ao meu jornal “e pelo próprio Lampião, em entrevista que nos concedeu”! (Os grifos são nossos).

Só ultimamente é que se verificou o rompimento de relações entre

esse famoso bandido e os seus protetores, desinteligência que foi até registrada pelos vates do sertão. Por mero acaso, ele não é hoje um herói nacional, depois de ter sido, durante muito tempo, um colaborador dos políticos do sertão.”

E tanto isto é verdade que, quando o batalhão patriótico estava em pé de guerra no Juazeiro, Lampião entrou na cidade à frente de seu grupo, e lá se manteve durante o tempo que entendeu, sem ser de leve incomodado.

Ouçamos o que diz Lourenço Filho a este respeito:

– “Afrontando o próprio batalhão patriótico de Floro Bartolomeu, entrou no Juazeiro ostensivamente com toda a sua gente, o temível bandleiro Virgulino Ferreira da Silva, o celeberrimo Lampião, e estripador de crianças e incendiário, “rei do sertão”, que ainda há pouco declarou guerra oficialmente aos governos da Paraíba e Pernambuco! Os bandoleiros chegaram via Barbalha, permanecendo até às 10 horas da noite nas imediações da fazenda do deputado Floro Bartolomeu, quando se transportaram ao centro da cidade, hospedando-se em casa de um dos tipos *sui generis* do Juazeiro, o poeta popular João Mendes de Oliveira, que se intitula jocosamente – “Historiador brasileiro e negociante”. Vinham muito bem armados de rifle ou fuzil Mauser, revólver e punhal; à cintura traziam 3 ou 4 cartucheiras, acondicionando nelas, cada homem, um total de 400 balas!

Tendo o jornal *O Ceará* mandado alguém perguntar ao padre Cícero Romão Batista porque não mandava prender Lampião, pois que tinha ao seu dispor 800 homens armados e municiados do batalhão patriótico, ele respondeu, textualmente:

– Não, meu amiguinho, Lampião procurou o Juazeiro com intuítos patrióticos; (sic!) ele pretende alistar-se nas forças legais para dar combate aos revoltosos. Uma vez vitorioso, espera que o governo lhe perdoe os crimes.

Este homem, que veio ao Juazeiro, “confiado em minha proteção”, pretende se regenerar.

Se não for possível alistá-lo nas forças legais, eu o encaminharei para Goiás, onde levará vida honesta, como já fiz com Sinhô Pereira e Luiz Padre. Está mais ou menos demonstrado que os governos de Pernambuco e Paraíba não conseguirão prender Lampião, entregando-o, e o seu bando, à Justiça. Eu consigo que Lampião se vá embora para muito longe, e assim ficaremos livres dele.

Porém mandar prendê-lo aqui, em Juazeiro, nestas circunstâncias?! Era um ato de revoltante traição, indigno de qualquer homem, quanto mais de um sacerdote católico!

– Mas, padre Cícero, retrucou o jornalista, o governo pode perdoar criminosos comuns?

– Pode, meu amiguinho, pode...

E o historiador termina esse capítulo com as seguintes palavras: – “Lampião é um expoente, apenas, da malta de celerados que têm feito do Juazeiro o seu quartel-general”.

(Lourenço Filho. Obra citada, páginas 216 e 218).

---

A título de curiosidade, reproduzimos aqui o *fac-símile* de uma carta de Lampião (que se assina O Capitão) na qual o atrevido bandido ameaça o sargento comandante do destacamento policial de Juazeiro, José Antônio do Nascimento.

Este autógrafo foi estampado pelo jornal *Correio do Ceará*, em seu número de 31 de março do corrente ano, acompanhado da seguinte apreciação: – A publicação do presente autógrafo dispensa qualquer comentário em torno das imunidades de que se julga investido o audaz e famigerado bandido.

Tiramo-lo do livro de Lourenço Filho que também o estampou. E é de notar a audácia com que o bandido escreve e a franqueza com que ele diz – “que vem chamado por homem”. Eis o texto da carta:

“Ilmo. Sr. José Antônio.

Eu lhe faço esta, até não devia me sujeitar a ti escrever, porém sempre mando te avisar pois eu soube que no dia que cheguei aí na fazenda esteve pronto para vir me voltar porém, eu sempre lhe digo que você crie juízo, e deixes de violências a pois eu venho chamado é por homem, mesmo assim, com a zoada não me faz medo. Eu tenho visto, é, cousa forte, e não me assombro, por tanto deve e tratar de fazer amigos não para fazer como diz você. Sempre lhe aviso, que é para depois não se arrepender e no mais não se zangue, isto é um conselho que lhe dou.

Do capitão – Virgulino Ferreira da Silva.”

Ora, à vista de uma proteção tão escandalosa, não é de admirar, como pensam os jornais cariocas, que Lampião e outros chefes de bandos criminosos não tenham ainda sido mortos ou presos, mormente enfrentam as forças que os perseguem, e, ainda assim, somente quando surpreendidos.

Ainda recentemente, a 2 de setembro corrente, o *Globo* publicou um telegrama de Fortaleza, no qual se dizia que o tenente Manoel Firmo, comandante do destacamento policial de Juazeiro, se achava ameaçado de morte devido a sua atitude querendo perseguir Lampião. – “Esse oficial (diz o telegrama) dera uma entrevista comprometedor para o major Moisés, comandante das forças cearenses, no sertão; e tão graves foram as suas revelações, que determinaram a abertura de um inquérito.

“Houve, porém, quem tomasse as dores do major Moisés e dirigisse sérias ameaças ao tenente Firmo que, sentindo-se sem garantias de vida em Juazeiro, pois fora ameaçado de morte pelo próprio prefeito de Missão Velha, Sr. Oseias Arruda, viu-se forçado a telegrafar ao comandante do Regimento Militar, que o chamou a Fortaleza, por ordem do governador do Estado.

---

Creemos que não é preciso dizer mais para patentear as dificuldades

quase insuportáveis com que está lutando o Dr. Eurico de Souza Leão, chefe de polícia de Pernambuco, para exterminar Lampião e os seus companheiros de crime.

Por isso foi que o Dr. Estácio Coimbra, quando o chefe de polícia do Ceará pediu a retirada das forças pernambucanas do território cearense, respondeu ao Dr. Moreira da Rocha, governador daquele Estado, com um telegrama já divulgado, no qual disse o seguinte: – “Começo a persuadir-me de que só a interferência do governo da União, sobrepondo-se nos melindres regionais e aos interesses subalternos de protetores de bandidos, poderá extirpar dos sertões do Nordeste a vilta ignominiosa do cangaceirismo”.

De fato, só com a intervenção do governo federal poder-se-á extinguir o foco de criminosos que é o – Juazeiro do padre Cícero – arraial e feira, antro e oficina, centro de orações e hospício enorme, como o qualificou Lourenço Filho.

Enquanto existir o Juazeiro atual e o grande protetor de assassinos, que é o padre Cícero Romão Batista, como ele próprio confessou quando recusou prender Lampião, o cangaceirismo continuará a devastar os sertões do Nordeste.

A cidade de Juazeiro, situada na região fertilíssima do Cariri, verdadeiro oásis no centro de desertos e que bem poderia ser o celeiro abastecedor das zonas martirizadas pelas secas periódicas, não passa ainda hoje de um viveiro de criminosos – potência fora da lei incrustada como um cancro no estado do Ceará – reduto fortificado por trincheiras com mais de 3 léguas de extensão circundando toda a cidade, e onde não falta, como em Canudos, uma igreja que mal dissimula uma verdadeira fortaleza.

Amanhã, com o desaparecimento do padre ou por qualquer motivo político, aquilo se transformará de um momento para outro em um segundo. “Canudos”, repleto de bandidos e de fanáticos, sorvedouro de dinheiro e de oficiais e soldados do exército nacional, sacrificados à incúria de dezenas de anos, quando os governos do Estado e da União se resolverem intervir, tarde demais, para varrer aquela vergonha do solo brasileiro.

Enquanto isto se não dá, e não obstante todos os tropeços, Dr. Eurico de Souza Leão, chefe de polícia de Pernambuco, não esmorece na campanha, para sanear, ao menos, o sertão de Pernambuco.

Os jornais cariocas, de quando em vez, inserem telegramas do Norte noticiando, ora as mortes em combates, ora as capturas de mais bandidos pelas forças pernambucanas.

Tenhamos, pois, a esperança de que afinal o terrível celerado Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, e os facínoras que o cercam caíam em poder dos abnegados soldados pernambucanos, que não desfalecem na perseguição tenaz que lhes movem, chegando ao ponto (como têm salientado os jornais de Recife) de permanecerem nas caatingas, ali recebendo o soldo, ali se alimentando e dormindo ao relento, no cumprimento do dever. Que tanto esforço seja coroado de êxito, para glória do atual governo de Pernambuco, são os votos de todos os brasileiros!

O GLOBO - 13/10/1927